

A arqueologia Foucaultiana da Hermenêutica Renascentista

Richer Fernando Borges de Souza *

RESUMO: A filosofia contemporânea tem como uma de suas características a da bifurcação metodológica entre formalização e interpretação, isto é, a da possibilidade de optarmos entre a via analítica ou a via hermenêutica. Para Foucault, as técnicas interpretativas que utilizamos hodiernamente são derivadas daquelas utilizadas por Nietzsche, Marx e Freud. Porém, ao voltar sua atenção às condições de possibilidade históricas das distintas filosofias e das ciências humanas, Foucault revela que em determinados períodos de nossa cultura o emprego destas vias metodológicas não se dava a partir de uma tomada de decisão consciente do sujeito. Neste trabalho, pretendemos apresentar a arqueologia foucaultiana dos saberes renascentistas, realizada na obra *As palavras e as coisas*, na qual o filósofo defende que a hermenêutica, para além de ser a via característica dos saberes deste período, foi, sobretudo, a única possível.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Arqueologia. Renascença. Semelhança. Saber. Hermenêutica.

1) Introdução:

No ano de 1964 ao participar do Colóquio de *Royaumont*, posteriormente publicado com o título *Nietzsche, Freud, Marx*, Foucault revela o sonho de um dia escrever uma espécie de Enciclopédia que contivesse todas as técnicas de interpretação praticadas na cultura Ocidental, desde os gramáticos gregos até a atualidade. Segundo Foucault, historicamente nossa linguagem provoca uma dupla suspeita de natureza distinta. A primeira é a de que a linguagem não transmite integralmente o que ela diz, neste caso sob o sentido manifesto haveria outro sentido que precisaríamos desvendá-lo, o qual os gregos denominaram de *allegoria* e *hiponoia*. Já a segunda suspeita é a de que a linguagem verbal não esgota as possibilidades da própria linguagem, pois as mudanças dos fenômenos da natureza, as expressões nos rostos, o comportamento dos animais etc., poderiam denotar um tipo de linguagem não-verbal que se aproxima daquilo que os gregos chamaram de *semaiñon*.

* Mestrando em Filosofia – PUCRS/CNPq. Graduando em Letras (Português-Francês) com ênfase em Tradução – UFRGS/Propesq. Contato: richer.fernando@yahoo.com.br.

Foucault argumenta que as formas de interpretação que utilizamos contemporaneamente em nossa cultura são derivadas daquelas que se valeram Nietzsche, Freud e Marx no século XIX, no entanto sugere que para que possamos melhor compreendê-las poderíamos dar um segundo passo atrás e voltarmos nossa atenção para o tipo de técnica de interpretação utilizada no Renascimento. “Nesta época, o que dava *lugar* à interpretação, simultaneamente seu sítio geral e a unidade mínima que a interpretação tinha a tratar, *era a semelhança*”¹. Isto é, Foucault aponta a *semelhança* como o código fundamental, sobre o qual as técnicas interpretativas se assentaram para a constituição dos saberes renascentistas.

I. As técnicas interpretativas renascentistas

Na Renascença, os saberes que se articulam acerca do cosmos, dos animais, das plantas e da filosofia em geral têm na *semelhança* a forma, o conteúdo e a condição de possibilidade de seus enunciados². Foucault identifica a *semelhança* como sendo o código, o inconsciente positivo dos saberes renascentistas. Este código, elemento pré-cognitivo, anterior à percepção, à linguagem, às trocas e ao conhecimento reflexivo é o objeto da investigação arqueológica foucaultiana que, em lugar de uma história das ideias renascentistas, visa identificar a disposição geral do saber que as tornou possíveis. Nesta ordem do saber, Foucault observa o papel decisivo ocupado por cinco noções que circulam na órbita da *semelhança*, a saber, a *conveniência*, a *emulação*, a *analogia* e a *simpatia*.

À noção de *conveniência* (*convenientia*), embora designe uma similitude, se sobrepõe uma relação de vizinhança na qual é a proximidade entre as coisas, suas conjunções e seus ajustamentos que vão caracterizá-las como convenientes. Nas coisas convenientes há uma dupla *semelhança*. A primeira se dá justamente a partir dessa posição limítrofe, ou seja, do lugar no qual ambas se localizam, uma vez que este é dado pela própria natureza. E, a segunda, surge do ajustamento e da comunicação das propriedades permutadas, justamente em razão desta proximidade natural entre as coisas. O problema da interação entre o corpo e a alma, por exemplo, era explicado por Giambattista della Porta, exatamente pela *conveniência* que se cria haver entre estas duas substâncias distintas.

Há uma segunda forma de *semelhança* que não surge a partir de uma relação de proximidade, age à distância, desvinculada das cadeias de ligação da *conveniência*, atua como um reflexo no espelho, de modo que na configuração do mundo renascentista há uma duplicação das coisas longínquas possibilitada pela *emulação* (*aemulatio*). Em contraposição

¹ FOUCAULT, M. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. In: “Nietzsche, Freud, Marx”. Trad.: Elisa Monteiro. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 41.

² Acerca do método empregado, Foucault afirma: “A análise das formações discursivas, das positividades e do saber, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências, é o que se chamou, para distingui-las de outras formas possíveis de história das ciências, a análise da *episteme*”. Cf. FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p.214.

aos historiadores das ideias, Foucault, através do procedimento arqueológico, encontra na *emulação* a condição de possibilidade das inúmeras relações que se fizeram entre as categorias de Microcosmos e Macrocosmos³ no espaço do saber. Neste período, Aldrovandi diz que: “De longe, o rosto é o êmulo do céu e, assim como o intelecto do homem reflete, imperfeitamente, a sabedoria de Deus, assim os dois olhos, com sua claridade limitada, refletem a grande iluminação que, no céu, expandem o Sol e a Lua...”⁴.

A *analogia (analogia)* é a terceira forma de similitude. Nesta, estão contidas as duas primeiras, isto é, manifesta cadeias de *semelhanças* entre as coisas vicinais, como a *conveniência* e garante a parecença entre as coisas distantes, como a *emulação*. Assim, a *analogia* tem um caráter de universalidade que torna possível reencontrar, por exemplo, as mesmas relações havidas entre os astros com o céu, poderão ser encontradas nas relações do seres vivos com o mundo natural, das ervas com a terra etc. Crollius, ao falar sobre o Homem - ponto privilegiado nesta trama de relações -, afirma: “Sua carne é uma gleba, seus ossos, rochedos, suas veias, grandes rios; sua bexiga é o mar e seus sete membros principais, os sete metais que se escondem no fundo das minas”⁵.

A quarta forma de *semelhança* é a *simpatia (sympathia)*. Sua característica é a de ser uma *força* onipresente no mundo. Porém, para que o mundo não seja levado à figura do Mesmo⁶, há uma força contrária, chamada de *antipatia*, que permite que as coisas preservem suas identidades. Na dinâmica do mundo renascentista, o balanço destas forças opostas possibilita todas as três primeiras formas de similitude. Afirma Foucault:

Todo o volume do mundo, todas as vizinhanças da conveniência, todos os ecos da emulação, todos os encadeamentos da analogia, são suportados, mantidos e duplicados por esse espaço da simpatia e da antipatia que não cessa de aproximar as coisas e mantê-las a distância⁷.

³ Segundo Jalón: “Desde la Antigüedad, ha aflorado, con recurrencia, la idea de que el universo es una entidad orgánica y animada, un macrocosmo, que, a su vez, es equiparable analógicamente con el hombre, concebido como un cosmo reducido, un microcosmo; la idea, pues, de que existe una dualidad correlativa entre estas dos unidades completas y que el hombre ocupa una posición privilegiada en la cadena de los seres, compendiándose en él todas las potencias del macrocosmo. La antigua filosofía jónica tomo ya como objeto de sus especulaciones la naturaleza del universo, de la cual es una porción la naturaleza humana”. Cf. JALÓN, M. *El laboratorio de Foucault: Descifrar y ordenar*. Barcelona: Anthropos; Madrid: CSIC, 1994, p.185.

⁴ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.26. Cf. U.ALDROVANDI. *Monstrorum historia*. p.3.

⁵ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.30. Cf. CROLLIUS. *Traité des signatures*, p.88.

⁶ Esta conclusão já alertara Empédocles: “Pois, se o conflito não fosse inerente às coisas, tudo seria uno”. Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Trad.: Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005, p.211. (Aristóteles, Met. B, 5). (N.T)

⁷ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp.34-5.

Estas quatro formas de *semelhanças, conveniência, emulação, analogia e simpatia*, revelam a ordem do mundo e a sua dinâmica, porém são formas ocultas e mudas. Assim, para que o Homem pudesse conhecê-lo, Deus pôs no mundo, marcas legíveis, signos, chamados de *assinalações*. Crollius indaga: “Não é verdade que todas as ervas, plantas, árvores e outros, provenientes das entranhas da terra, são outros tantos livros e sinais mágicos?”⁸. Neste período, o saber tem como tarefa fundamental identificar estas *assinaturas* e decifrá-las, isto é, para conhecer é preciso ter as técnicas apropriadas para *ler* o livro da natureza⁹.

Foucault chama de *Semiologia*, aquelas técnicas capazes de identificar no mundo a localização, as regras e o encadeamento dos signos *assinados*. Já às técnicas dedicadas à descoberta do sentido dos signos, a leitura e a interpretação do grande livro da natureza recoberto de signos que se assemelham, nosso autor dá o nome de *Hermenêutica*. E, é justamente neste espaço aberto entre as *semelhanças* que formam palavras e as que formam as coisas que reside o saber na Renascença. Para Foucault:

Tudo seria imediato e evidente se a hermenêutica da Semelhança e a semiologia das assinalações coincidissem sem a menor oscilação. Mas, posto que há um “vão” entre as similitudes que formam grafismo e as que formam discurso, o saber e seu labor infinito recebem aí o espaço que lhes é próprio: terão que sulcar essa distância indo, por um ziguezague indefinido, do semelhante ao que lhe é semelhante¹⁰.

Na história da ciência encontramos, ordinariamente, a ideia de que os saberes renascentistas tinham uma configuração frágil, isto é, possuíam um caráter ainda pré-científico, visto que eram constituídos por uma mescla de racionalidade (*ratio*), de magia natural (*magia*) e de interpretações recolhidas nos clássicos da Antiguidade e justificados pela autoridade dos sábios deste período¹¹. Entretanto, a história arqueológica foucaultiana ao realizar um estudo das condições de possibilidade destes saberes e, ao se negar a utilizar os critérios de cientificidade dos saberes contemporâneos para a avaliação dos situados na

⁸ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.37. Cf. CROLLIUS. *Traité des signatures*, p.6.

⁹ Acerca das *assinaturas*, Jalón afirma: “Aqui, desde lejos, resuenan consideraciones plotinianas (Enéada II, 3,7), tales como que “los astros son como letras que se escriben constantemente, o mejor, que están escritas en el cielo”, o que “las cosas están llenas de signos”; lo que justificaría la adivinación, pese a su reticencia frente a la astrología. Planea también la idea cabalística de que tanto los nombres de la divinidad como las meras letras constituyen “las signaturas de todo lo creado”; letras que son “propriamente los elementos de construcción, las piedras con las que se ha levantado la obra de la creación”. Cf. JALÓN, M. *El laboratorio de Foucault: Descifrar y ordenar*. Barcelona: Anthropos; Madrid: CSIC, 1994, p.197.

¹⁰ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.41.

¹¹ Burckhardt, ao falar acerca da herança da Antiguidade no Renascimento, reafirma esta posição: “Infinidamente mais importantes do que restos arquitetônicos e artísticos foram, naturalmente, os legados escritos, tanto em grego quanto em latim. Estes eram tidos como as próprias fontes de todo o conhecimento, no sentido mais absoluto”. Cf. BURCKHARDT, J. *A cultura do Renascimento na Itália. Um ensaio*. Trad.: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 189.

Renascença, acaba por encontrar na *semelhança* o princípio e o fundamento no qual estes saberes distintos encontravam sua legitimidade.

Ao deslocar sua investigação à sincronicidade do espaço do saber, nosso autor revela que o método de adivinhação praticado pela magia natural, não deve ser visto como um resquício pré-científico deste período, tampouco como uma outra forma de saber, pois ambas, adivinhação e interpretação, remetem as *assinalações* às *semelhanças*. Basta que se atue sobre as *assinalações* que seus efeitos serão sentidos naqueles à qual elas se assemelham, como vemos no exemplo de Paracelso, para quem a simples escrita ou pronúncia da palavra grega *Osy*, que designa as serpentes, traria seus efeitos sobre esta, pois: “(...) não obstante sua natureza e seu espírito, basta escutarem a palavra para permanecerem imóveis e não envenenarem ninguém com sua ferida venenosa”¹².

No Renascimento, a tarefa de interpretação dos textos antigos não passa de uma segunda decifração destes signos já dados, pois sua garantia está no fato de que as palavras depositadas nestes textos clássicos estão ligadas às coisas do mundo pela mesma relação de *semelhança* e espelhamento que aquela encontrada nos signos na natureza. Seja na Escritura ou nos textos de Platão ou Aristóteles, o que se encontra são signos a interpretar.

Há dois caminhos distintos para o saber na Renascença, porém ambos levam à Verdade instituída por Deus. Neste período, a *Divinatio* é a configuração do saber organizado a partir da decifração das *semelhanças* entre os signos mudos depositados nas coisas da natureza por Deus. Já àquele que se desenvolve a partir da interpretação dos textos escritos na Idade Antiga, isto é, na decifração das *semelhanças* entre os signos efetivamente escritos e as coisas no mundo, deu-se o nome de *Eruditio*. Afirma Foucault: “*Divinatio e Eruditio* são uma e mesma hermenêutica... Por toda a parte há somente um mesmo jogo, o do signo e do similar, e é por isso que a natureza e o verbo podem se entrecruzar ao infinito, formando, para quem saber ler como que um grande texto único”¹³.

Na Renascença, os signos utilizados na linguagem escrita não são vistos como elementos independentes e originados de acordos arbitrários, mas como elementos co-originários e imbricados com as coisas no próprio mundo. A relação entre as palavras e as coisas se dá de uma dupla maneira: de um lado, é preciso decifrar o conteúdo da linguagem da natureza, isto é, ler as marcas que Deus pôs nas coisas no mundo. De outro, faz-se necessário decifrar as *assinalações* indicadas pelos signos efetivamente escritos, que por sua vez,

¹² FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.45. Cf. PARACELSO. *Archidoxis mágica*. 1909, pp.21-3

¹³ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp.46-7.

também nos foram dados originariamente por Deus, já que Adão ao nomear as coisas, simplesmente *leu* suas *assinalações*.

Ambas, as palavras e as coisas, são frutos da disposição da ordem do mundo que se faz conhecer através de uma trama de *semelhanças* e de *assinalações*. Deste modo, a escrita “deve, ela própria, ser estudada como uma coisa da natureza”¹⁴. Se, encontramos relações de *conveniência* e de *analogia*, por exemplo, entre os animais e as plantas ou entre o homem e as estrelas, do mesmo modo deveremos procurá-las entre os elementos da própria linguagem. Assim, o saber da linguagem opera visando trazer à luz as propriedades intrínsecas às próprias palavras. Não há análise do conteúdo representativo depositado nas palavras - que ocorrerá somente em meados do século XVII e início do século XVIII -, mas sim a tentativa de identificação das virtudes que promovem o jogo de relações de afastamento e aproximação das sílabas e das letras entre si, isto é, de suas *propriedades*. Assim como, se buscava estabelecer a identificação das virtudes depositadas nas coisas da natureza a partir das *assinalações* que as aproximavam ou as afastavam.

A escavação arqueológica, acerca do saber da linguagem renascentista, revela que a gramática de Pierre Ramus, por exemplo, era composta de duas partes, na qual a primeira, a *etimologia*, buscava não o sentido originário, mas as propriedades intrínsecas das palavras a partir de suas sílabas e letras; enquanto a segunda, a *sintaxe*, visava normatizar a construção da linguagem a partir de suas propriedades. Assim como no mundo as coisas ora se assemelham, ora se afastam, nas palavras, nas sílabas e nas letras estão contidas virtudes que o gramático deve encontrar para que a sua construção reflita “quase que apenas em conveniência e mútua comunhão das propriedades, como o nome com o nome ou com o verbo, do advérbio com todas as palavras às quais é associado, da conjunção na ordem das coisas conjugadas”¹⁵.

Por conseguinte, a partir da arqueologia é possível perceber uma isomorfia nos enunciados dos diferentes saberes renascentistas, que denunciam e revelam a *semelhança* como uma espécie de DNA, ou seja, como um código informacional onipresente em saberes cuja heterogeneidade não passa de um fenômeno de superfície. Foucault observa que, se há a configuração de um saber sobre a linguagem é porque se cria que as palavras perderam a imediatidade originária com as coisas. Conforme nosso autor:

¹⁴ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.48

¹⁵ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.48. Cf. RAMUS, P. *Grammaire*. Paris, 1572, pp. 125-6.
Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, VII Edição, 2011

Sob sua forma primeira, quando foi dada aos homens pelo próprio Deus, a linguagem era um signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes assemelhava. Os nomes eram depositados sobre aquilo que designavam, assim como a força está depositada no corpo do leão, a realeza no olhar da águia, como a influência dos planetas está marcada na fronte dos homens: pela forma da similitude. Essa transparência foi destruída em Babel para punição dos homens¹⁶.

Neste período, a identificação da forma da linguagem escrita com a forma do mundo é exemplificada por Foucault, a partir dos enunciados de Claude Duret, no qual este após cotejar a escrita dos hebreus, sírios, egípcios, mouros, persas etc, que escrevem da direita à esquerda, assim como “o curso e o movimento diário do primeiro céu, que é muito perfeito, conforme a opinião do grande Aristóteles, aproximando-se da unidade”; à dos gregos, latinos, europeus etc, que escrevem da esquerda à direita, conforme “o curso e o movimento do segundo céu, conjunto dos sete planetas”; à dos indianos, chineses¹⁷, japoneses etc., que se dá de cima para baixo, pois segue “a ordem da natureza, que deu aos homens a cabeça no alto e os pés embaixo”; à, finalmente, dos mexicanos que pode seguir de baixo para cima ou em “linhas espirais, como as que o Sol faz em seu curso anual sobre o Zodíaco”, conclui assim, que estes distintos modos de escrita trazem em si os segredos do mundo.

Para nosso autor, esse entrelaçamento das palavras com as coisas derivado do enraizamento no próprio mundo de ambas, denota também o protagonismo da linguagem escrita no Renascimento. Num sentido histórico esta característica pode ser exemplificada pelo nascimento da imprensa, pelo surgimento de uma nova forma de literatura e pelo enfraquecimento do magistério da Igreja, em direção à exegese dos textos sagrados. Conforme o autor de *As palavras e as coisas*:

O que Deus depositou no mundo são palavras escritas; quando Adão impôs os primeiros nomes aos animais, não fez mais que ler essas marcas visíveis e silenciosas; a Lei foi confiada a Tábuas, não à memória dos homens; e a verdadeira Palavra, é num livro que a devemos encontrar¹⁸.

O conhecimento renascentista se dá através do comentário, da interpretação, da exegese acerca dos signos, sejam eles: as Palavras contidas nas Escrituras, nos textos dos

¹⁶ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.49.

¹⁷ Saussure observa que, ao contrário do nosso sistema fonético, o sistema de escrita chinês é ideográfico: “em que a palavra é representada por um signo único e estranho aos sons de que ela se compõe. Esse signo se relaciona com o conjunto da palavra, e por isso, indiretamente, com a idéia que exprime”. Cf. SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 3ª Edição. São Paulo: Cultrix, p.36.

¹⁸ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.53.

sábios da Antiguidade, nas fábulas; ou nascidos da descrição das próprias coisas. Logo, conhecer é menos um ato submetido à necessidade da visão ou da demonstração empírica, e mais do *comentário* através das técnicas de *interpretação*. A linguagem renascentista se multiplica através do comentário, isto é, no afrontamento de uma forma de linguagem com outra, que, de um lado, permite a sobreposição infinita de novos comentários. Porém de outro, tem no horizonte a tentativa de restituição de seu fundamento e de sua Verdade, isto é, do *Texto* primeiro.

Desta forma, Foucault apresenta a *semelhança*, como o código, o inconsciente positivo do saber sobre o qual se ordenaram e se estruturaram nossa linguagem e nosso conhecimento. No Renascimento, as coisas estão dispostas no mundo a partir de uma estrutura de *semelhanças* dadas *a priori* que as tornaram possíveis e próximas, mas para conhecer este sistema de similitudes faz-se necessário identificar os signos que o assinalam. No entanto, estes signos respondem a outro sistema de *semelhanças* que remetem o conhecimento da natureza a um jogo do encadeamento circular e sem fim do similar.

II. O ocaso da interpretação

Ao contrário do sistema de signos legado pelo estoicismo que era ternário, composto pelo significante, pelo significado e pela conjuntura e, daquele que se dará a partir do século XVII, identificado pelos gramáticos de Port Royal como binário, o sistema dos signos no Renascimento tem uma estrutura simultaneamente ternária e unitária¹⁹. Por um lado, ternária, pois é composta pelas *assinalações* que dão os signos, pelos *conteúdos* destas marcas e pelos *nexos* que os ligam. De outro, unitária, já que as *assinalações*, os seus conteúdos e seus nexos repousam sobre a mesma ordem da *semelhança*.

O fim do protagonismo da *semelhança*, que tem como uma de suas consequências mais importantes a do desprestígio das técnicas de interpretação em nossa cultura, decorre de uma dupla razão: a primeira, é da fixação da estrutura dos signos numa forma binária. E, a outra, é porque o ser da linguagem deixa de ser tomado a partir da materialidade dos signos, ou seja, da interdependência da escrita com as coisas, do que se vê com o que se lê e, doravante, os signos serão vistos como simples e puras representações das coisas. A pergunta de como um signo pode estar ligado ao que significa dominará a reflexão acerca da linguagem. Segundo Foucault: “Questão à qual a idade clássica responderá pela análise da

¹⁹ Afirma Jalón: “(...) desde los antiguos gramáticos griegos y, especialmente, desde los estoicos, el signo tenía una organización ternaria. Para ellos, ese problema básico de la filosofía, el ‘signo’, estaba formado por tres entidades: el sonido, lo decible y el objeto. El primero y el tercero, el significante y el objeto, eran corpóreos, mientras que el segundo, el significado, era incorpóreo y dependiente de nuestro pensamiento. Es evidente, por tanto, que significante e significado no corresponden al sentido que tendrán para Saussure.” Cf. JALÓN, M. *El laboratorio de Foucault: Descifrar y ordenar*. Barcelona: Anthropos; Madrid: CSIC, 1994, p. 207.

representação; e à qual o pensamento moderno responderá pela análise do sentido e da significação”²⁰.

A Idade Clássica tem início com um fenômeno de ruptura acontecido na história ocidental que modificou nossos códigos culturais, estes, como vimos, são anteriores à constituição de nossos saberes, de nossas práticas econômicas e de nossa linguagem. A arqueologia foucaultiana identifica em meados do século XVII o fim da era da *semelhança* e o início da era da *representação*²¹. Neste período, o saber não mais será dado a partir da comparação que visa *interpretar* a rede de *semelhanças*, mas sim na atividade de comparação que visa através da *medida* e da *ordem* estabelecer num espaço de quadro a *análise* das *identidades* e das *diferenças* das palavras e das coisas²². Assim, a ordem do pensamento se sobrepõe à ordem das coisas. Benedito Nunes esclarece:

Quando, quase um século depois, Galileu afirmou que esse livro está escrito em linguagem matemática, já se tinha operado substancial mudança nos critérios de verificação. Necessitar-se-ia, daí por diante, da prévia mensuração das coisas; e as relações entre elas, comprovadas dedutivamente, receberiam expressão quantitativa. Assim, a positividade do conhecimento, anteriormente repousando na interpretação das palavras, desloca-se para a mensuração, que depende da experiência sensível. As coisas serão concebidas a modo de *fenômenos*, no sentido que essa palavra veio a ter na ciência moderna.²³

Desse modo, as técnicas de interpretação derivadas daquelas duas suspeitas que Foucault aponta haver historicamente em nossa cultura acerca da linguagem, a saber, a de que há sempre um sentido oculto subjacente aquilo que é efetivamente dito e manifesto (*allegoria*), e a de que há outras formas de linguagem no mundo que se manifestam de forma não-verbal (*semaïnon*), com o término da era da *semelhança*, perdem seu protagonismo no saber ocidental dando lugar à tentativa de constituição de uma linguagem analítica, das ideias claras e distintas e do cálculo de natureza lógica, voltando à cena, porém, no século XIX através do pensamento de Nietzsche, Marx e Freud.

Enfim, a arqueologia foucaultiana dos saberes renascentistas, ou seja, a história de suas condições de possibilidade, demonstra que os saberes deste período se constituem a

²⁰ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: Salma Tannus Muchail. 9ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.59.

²¹ Habermas, ao comentar este fenômeno de ruptura ocorrido em nossa cultura, a partir de sua leitura de *As palavras e as coisas*, diz: “Enquanto o pensamento do Renascimento ainda é dirigido por uma visão cosmológica do mundo na qual as coisas podem ser fisionomicamente ordenadas segundo relações de analogia porque no grande livro da natureza cada sinal remete a outros sinais, o racionalismo do século XVII instaura uma ordem totalmente diferente no seio das coisas.” Cf. HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad.: Maria Antônia Espadinha Soares, (cap.IX). Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1990, p.243.

²² De acordo com Rouanet: “A atividade do espírito não consiste mais em aproximar as coisas entre si, como na Renascença mas em distingui-las; não se trata mais de decifrar o Semelhante, mas de pensar a identidade e a diferença, e inseri-las num quadro, com gêneros e espécies, classes e sub-classes, hierarquias e subordinações.” Cf. FOUCAULT, M.; ROUANET, S.P.; MERQUIOR, J.G.[et al.] *O homem e o discurso: (A arqueologia de Michel Foucault)*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008, p.98.

²³ NUNES, B. *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed.34, 2009, p.62.

partir do código da *semelhança* e através da Semiologia e da Hermenêutica, cujo emprego se dava de modo necessário e inconsciente aos sujeitos em questão. Se Kant demonstrou na *Crítica da razão pura* que a sensibilidade ou a intuição é o elemento de início, mas não de origem do conhecimento, Foucault, em *As palavras e as coisas*, argumenta que o próprio sujeito, embora ocupe a posição de início, não é o *locus* de origem dos saberes. Ademais, acreditamos que a arqueologia foucaultiana, ao revelar que em determinados períodos de nossa cultura o emprego seja da via analítica, seja da hermenêutica não passa pela tomada de decisão consciente do sujeito, uma vez que há uma estrutura do saber mais arcaica que o determina, poderia contribuir com uma nova perspectiva no debate filosófico contemporâneo entre analítica e a hermenêutica.

Referências:

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália. Um ensaio*. Trad.: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad.: Ingrid Muller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad.: de Salma Tannus Muchail. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

_____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; Trad. Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Ditos e escritos, II).

_____. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel; ROUANET, Sergio Paulo; MERQUIOR, José Guilherme [et al.] *O homem e o discurso: (A arqueologia de Michel Foucault)*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad.: Maria Antónia Espadinha Soares, (cap.IX). Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1990.

JALÓN, Mauricio. *El laboratorio de Foucault: Descifrar y ordenar*. Barcelona: Anthropos; Madrid: CSIC, 1994.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 3ª Edição. São Paulo: Ed.34, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 3ª Edição. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. 1º tomo. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.